

Um a zero

BRUNO LEÃO



SECRET
SOCIETY

**AVISOS
DE
CONTEÚDO**

Bullying

Consumo de álcool

Conteúdo sexual

Para quem tem a coragem de desistir
do que já não faz sentido e conquistar
aquilo que muitos acreditam ser impossível.



*Cinco Meses
Antes*



Primeiro Serviço

O barulho da claque pesa no ar, como uma onda prestes a desfazer-se num estrondo. Cada grito, cada assobio, atravessa-me o peito, e fá-lo vibrar como um tambor. Inspiro fundo, mas o ar chega-me denso, a prender-se entre os meus pulmões e a garganta. Este jogo não é apenas mais um. É a semi-final. E perder não é uma opção.

Salto um par de vezes e sacudo os ombros, mas mantêm-se inevitavelmente tensos. De olhos postos no chão envernizado, vejo o meu reflexo. As bochechas avermelhadas do cansaço são emolduradas pelo cabelo castanho-escuro que teima em cair-me sobre os olhos. Ainda assim, acho que estou bastante atraente. Quer ganhe ou perca esta semifinal, ao menos que seja com estilo.

Faço respirações profundas para oxigenar o corpo. Suor, pipocas acabadas de fazer e borracha quente misturam-se num aroma que se cola à minha garganta e me deixa enjoado.

Mesmo tendo a certeza de que o meu pai me está a ver da bancada, sinto-me forçado a virar a cabeça e a confirmar a sua presença. Ele acena-me, empolgado. Endireito-me imediatamente e o meu estômago embrulha-se com a mistura dos nervos e dos odores fortes.

Procuro algo que me desvie a atenção disto.

O número 8 da equipa adversária está do outro lado do campo, a fazer subir e descer a bola de voleibol, com calma e confiança. É assim que ele realmente é: sabe que é bom, nada daquilo é apenas uma fachada presunçosa. Mantém-se imperturbável, com uma serenidade irritante. Ninguém devia estar assim tão calmo numa semifinal.

— Farto da cara dele... — murmuro para ninguém em particular.

De jogador desconhecido de um pequeno clube do interior a fenómeno do voleibol juvenil bastaram poucos meses. A última edição da *Match Point* apresentou-o como «o novo nome que ameaça Salvador Ribeiro no cenário do voleibol». Admito que me caiu mal. Passar de «Salvador: o prodígio que continua o lendário legado do pai» para isto, em menos de um ano, é meio caminho andado para acabar na famosa lista de «Promessas Flopadas».

Provavelmente fiquei demasiado tempo a olhar para o Vicente, considerando que os seus olhos estão, agora, postos em mim. Vi todos os seus jogos, pelo que posso presumir que está a montar as jogadas do próximo set naquela cabeça. Observa, calcula, alinha tudo antes de o jogo começar. Já fui assim, antes de aprender a confiar nos meus reflexos e na minha equipa. Nota-se que é novo nestes campeonatos nacionais.

O marcador roda e falta menos de um minuto para o novo set. Desperto com o embate da mão do Bernardo no meu rabo.

Trinta segundos. Colocamo-nos em posição e fixo-me no Vicente. De perto, é mais alto do que parecia.

— Estás a gostar do que estás a ver, é? — provoca, com algum divertimento na voz.

— Quem te dera.

Estridente e autoritário, o som do apito rasga o ar e, por um segundo, o seu maxilar contrai-se, de forma quase impercetível. É bom saber que não sou o único a sentir a pressão a subir.

No instante em que a palma do Bernardo bate na bola, ela projeta-se pelo ar como uma lâmina, atravessando o campo e ultrapassando a rede. O primeiro toque do lado deles é certo. Cada ponto transforma-se numa sucessão de impulsos, saltos e respirações audíveis. Tento focar-me apenas na bola, mas sinto o olhar dele cravado em mim. Satisfeito, à espera de que eu cometa um erro capaz de lhe dar a vitória.

Falho alguns passos e deslizo, colocando o pé em falso um par de vezes. Hoje o chão está especialmente escorregadio. Onde estão o meu instinto e a minha precisão quando mais preciso deles?

O tempo avança e o empate não tarda a chegar. Não posso ceder, não agora. Com o suor a escorrer-me pela coluna, tudo acontece mais depressa do que consigo processar. Um bloqueio mal calculado, uma devolução inesperada da parte deles e, quando dou por mim, estou a avançar, mesmo sabendo que não devia.

— Deixa! — grita alguém.

Ignoro e salto.

Quando a bola me escorrega das mãos, o chão foge-me debaixo dos pés e derrapo. Sinto o tornozelo a partir-se com um estalo seco que reverbera dentro de mim.

Um ruído surdo apodera-se dos meus ouvidos e o meu campo de visão escurece. Recolho-me em posição fetal, incapaz de distinguir as vozes e os passos à minha volta.

Não me consigo mexer.

Tento levantar-me, mas escorrego num líquido vermelho e viscoso. O batimento cardíaco sobe-me à garganta e uma dor latejante cresce-me pela perna acima.

A visão turva transforma a multidão numa massa homogénea, indistinta. Por muito parvo que possa parecer, o único pensamento que sou capaz de formular é que não quero que o meu pai me veja assim.

O pavilhão encolhe à minha volta. Pela primeira vez, não sei como sair daqui.



Segundo Serviço

Não te passes, OK?

gui

Ou melhor, não abras nenhuma rede social

gui

Estou a caminho do hospital

gui



Foi muito ingénuo da minha parte achar que a pior coisa que me podia acontecer este fim de semana era fazer uma lesão profunda, perder a semifinal do campeonato e sentir-me a maior vergonha para o meu pai e para a minha equipa.

Afinal, existe a Internet.

Depois de discutir durante dez minutos com o Gui, ele lá me deixa pegar no telemóvel. Basta um rápido scroll no TikTok para me arrepender da decisão.

Vídeo atrás de vídeo da minha queda. Recortes do início do salto com a frase «O início de um sonho», seguidos da minha

cara no chão com «Deu tudo errado». Podia ser altamente hilariante, não fosse eu a pessoa em questão.

Não consigo resistir a abrir as caixas de comentários e a procurar instintivamente os mais negativos. Quero ser atingido de uma vez só com as coisas mais horríveis. É melhor assim do que ficar à espera, a imaginar o que estão a dizer.

@sopadetomate

imagina ser o pai dele e ver assim o filho a fazer figura de urso 🙄

Há 19h

Responder

👍 2007

@atuatia4

OMGGG, sou eu no início vs. no fim dos exames 🤔

Há 11h

Responder

👍 955

@maria3antunes2004

estou tão triste por não irem à final 🙄

Há 2h

Responder

👍 127

@margaridas09

quem é?

Há 10min

Responder

👍 5

@salvador_nation51

até a cair é gostoso! 🤔 Mas só espero que recupere depressa

Há 5min

Responder

👍 1869

@fanbaseoficialsalvadorr

estou tão preocupada. Viste a notícia na Match Point?

Há 3min

Responder

👍 23

Pequenas fendas abrem-se dentro de mim a cada comentário. Permaneço em silêncio, a olhar para o ecrã. Sei que ser um nepo baby faz com que eu seja automaticamente merecedor de algum escrutínio extra, mas isto é sadismo a mais, mesmo para a Internet.

— Estás bem?

Por breves momentos, tinha-me esquecido de que não estou sozinho.

— Não.

Os braços longos do Gui envolvem-me, mas estou tão atónito e em choque que não consigo processar nada como deve ser. Uma imagem nítida aparece em pop-up na minha cabeça. É o meu mundo a desabar.



Terceiro Serviço

Conviver com o tédio durante tantos dias, sem me poder mexer demasiado ou fazer coisas básicas, devido a todas as dores que tenho tido, tem feito com que gaste uma enorme quantidade de tempo a pensar na decoração do meu quarto. A parede do lado esquerdo é quase toda feita de janelas de vidro que dão para o nosso relvado. Do lado direito, há um roupeiro embutido de portas brancas e, no meio de ambas, a minha cama, uma mesa de cabeceira, uma secretária de madeira clara e dezenas de medalhas e recortes de revistas penduradas nas paredes de um bege rugoso.

— Tens de te alimentar bem e, assim que tirares o gesso, fazer a fisioterapia certinha. Deves estar ótimo daqui a poucos meses, a tempo da próxima época! — afirma o meu pai, entrando no quarto com uma bandeja cheia de frutas e uma taça com ovo mexido.

Veste um polo azul-marinho e umas calças texturadas de cor avelã. Temos o mesmo tom de cabelo, os mesmos ombros largos e o mesmo nariz, redondo na ponta e reto no comprimento. Observá-lo é como olhar para uma versão de mim, mais velha e com barba. São várias as vezes em que me pergunto se isto é mesmo verdade ou se é apenas o meu cérebro a enganar-me, por não ter uma imagem clara e presente da minha mãe. Só lhe conheço os contornos do rosto através de fotos e vídeos, o que faz

com que, às vezes, tenha dificuldade em visualizar a sua expressão sem recorrer ao telemóvel, por muito que me custe admitir.

Ele ajeita-me as almofadas para estar mais confortável e aproveito a oportunidade.

— Pai, eu não quero voltar ao vólei. — Largo a informação sem qualquer aviso, mas, na verdade, não tenho pensado noutra coisa. Tenho adormecido a calcular todos os cenários hipotéticos.

— Como assim, filho?

As suas feições espelham confusão.

— Não posso voltar... Não depois disto.

— Depois disto? — repete ele. — Salvador, partiste o tornozelo. Isso acontece em todos os desportos.

— Não é só isso.

— Então é o quê? Não te estás a precipitar?

— Não, não. Eu não quero voltar a jogar. As pessoas estão a ridicularizar-me na Internet e eu nem sequer sou capaz de falar com ninguém da equipa. — Engulo em seco, contendo a vontade de começar a soluçar. — Era um jogo importante, nem sequer estávamos a perder e eles disseram-me para não avançar. Fui inconsequente. E com uma fratura destas, sabes tão bem como eu que nunca mais voltarei a ser o mesmo. E... e...

Envergonhei-te e não fui capaz de estar à altura.

Deixo que as palavras não ditas sejam engolidas pelo meu choro, sentindo-me o pior filho do Universo, de olhos encharcados e deitado na cama, com a perna engessada.

— A Internet ridiculariza toda a gente — responde. — Amanhã já estão a gozar com outra pessoa qualquer.

— Fui inconsequente...

O olhar escuro do meu pai fica mais sério.

— Não gosto de te ouvir a falar assim. Erraste. Todos erramos em campo. — Suspira. — Estás a desistir porque tens medo ou porque já não queres isto?



— Não tenho a certeza.

Ele deposita-me um beijo na testa e afaga-me o cabelo.

— Sei que uma coisa destas é muito assustadora, mas tu és espetacular. Já conquistaste tanto! Deixa o tempo passar e vais ver que as coisas mudam de figura.

Por mais reconfortantes que sejam as suas palavras, não deixo de sentir uma inquietude dentro de mim. Sempre tive alguma dificuldade em perceber o que quero a longo prazo. Em tomar grandes decisões, como que licenciatura escolher ou em que equipa quero entrar, mas sou bom a saber o que não quero e, neste momento, a última coisa que quero é jogar. Só de pensar nisso fico ofegante e com a cabeça a latejar.

Conto algumas respirações e recupero o controlo.

O meu olhar percorre a parede. As medalhas brilham à luz da janela. Há anos que não passo um dia sem olhar para elas.

— Pai?

Um sorriso surge no seu rosto e ele vira-se de novo para mim.

— Sim, querido?

— Podes tirar isto tudo daqui? Deita o meu equipamento fora e arruma as medalhas e os troféus onde achares melhor. Não quero ver mais estas coisas. Podes levar para a tua escola, se quiseres, como pediste há uns tempos.

— Mas tu disseste que gostavas de os ter cá em casa...

— Eu sei, mas mudei de ideias. Mesmo que me arrependa, preciso disto agora.

Ele olha para as paredes, para as medalhas e demora alguns segundos a responder.

— Não vou deitar nada fora — diz finalmente. — Mas posso guardá-las.

Assinto, grato pela sua compreensão. Antes de fechar a porta, ele olha mais uma vez para as medalhas na parede e sai sem desfazer o ligeiro sorriso que se esforça por manter.



“Não quero falar”

Rui Cardoso e Maya Fontes foram vistos a saírem juntos do mesmo hotel, onde estavam alojados para uma sessão fotográfica para a marca de roupa Lume.

Signo do mês

Touro: Imprevistos à vista.

Mudanças no coletivo exigirão de ti mais flexibilidade do que controlo. Reorganiza a tua posição com estratégia, sem perderes a firmeza. Isto vai exigir de ti uma grande gestão emocional, mas, manteres-te disponível já é uma forma de exercer o teu poder.

Será o fim da Estrela de Vólei

SALVADOR RIBEIRO??

Match
POINT

12.25

Verdadeiro ou Falso

a tua confirmação sobre as
focacas da semana

Na semifinal do campeonato nacional escolar de voleibol, Salvador Ribeiro — a mais recente adição à nossa rubrica **Promessas Flopadas** — **caiu** no momento mais decisivo do jogo, vítima de uma lesão.

Ignorando o aviso dos colegas, Salvador avançou sem hesitar e acabou por cair com aparato, mudando o rumo da partida.

Sem o seu principal jogador, a equipa perdeu o controlo. Do outro lado, **Vicente Neves** dominou como nunca e terminou como melhor marcador do encontro.

No final, uma questão permanece: **onde está o Salvador que confia nos seus instintos?**

Escrito por Júlia Estrela

1. Salvador Ribeiro recusou ajuda médica após a queda e insistiu em voltar a jogar.

FALSO — Foi assistido ainda em campo e não voltou ao jogo.

2. Salvador já tinha sido alertado anteriormente sobre decisões arriscadas em jogo.

VERDADEIRO — O estilo impulsivo já era tema recorrente entre colegas e treinadores.

3. Vicente Neves dedicou a vitória ao rival lesionado.

FALSO — Não houve nenhuma declaração pública após o jogo.

4. Há rumores de tensão dentro da equipa de Salvador após a derrota.

NÃO CONFIRMADO — Fontes próximas falam em frustração, mas nada oficial.

Qual o look certo para um sunset?

A Pantone revelou que a cor do ano é a **Cloud Dancer**. Trata-se de um branco etéreo que simboliza calma e foco no meio do barulho do mundo. O que significa que, este verão, tens de arrasar com o teu **melhor look branco!**

Aposta num conjunto branco de linho ou numa t-shirt e calças de ganga.



Podes saber tudo na rubrica semanal escrita por Vanessa Fonseca — **Veste-te como eu.**

Ah, e não te esqueças de levares algo onde consigas pendurar os teus ténis.

Presente



Quarto Serviço

Osom das ondas mistura-se com o tilintar dos copos e o riso fácil dos turistas. Há dias em que o bar cheira ao limão e ao sal das margaritas, e outros em que só cheira a suor e vodka barata. Felizmente, hoje é um dos primeiros, embora ambos envolvessem limpar vômito do chão.

Faço uso dos conhecimentos que adquiri a limpar bolas, depois dos treinos, para deixar os copos a brilhar. Não que a Rita me tenha contratado por causa disso, mas seria uma boa soft skill para mencionar no meu currículo.

Faz hoje seis meses que não toco numa bola de vôlei. Não ando a contar o tempo, mas reparei nisso quando olhei para o ecrã do telemóvel hoje de manhã. De qualquer das formas, este verão prometi que ia deixar isso tudo de lado, *de vez*. Até dei unfollow nas contas que ainda seguia sobre o assunto. É um compromisso sério.

Enquanto novo Salvador, a primeira decisão que tomei foi candidatar-me a uma vaga neste bar de praia. Sempre o adorei, foi aqui que os meus pais se conheceram. E, para ser completamente honesto, onde provavelmente fui concebido. A ideia de estar no lugar onde o amor dos meus pais começou — ignorando a parte da conceção — compensa, de longe, a ironia de metade dos meus clientes insistir em contar-me dad jokes.



— Quarta semana e já dominas o shaker. Vi a bebida que fizeste há pouco, para aquele senhor ali — comenta a Rita, a minha chefe, encostando-se ao balcão, do lado oposto ao meu.

O cabelo castanho e liso dá-lhe por cima dos ombros pálidos e sardentos, e os calções curtos e o top branco acentuam a sua estatura baixa. Tem um ar adorável e acho que é por isso que ninguém lhe consegue dizer que não.

— Eu disse que ia ganhar o jeito com o tempo — respondo, cheio de modéstia.

— Disseste, disseste. Eu tenho bom olho para as contratações, sabes? O meu professor de Gestão sempre me disse isso. Olha, a mesa cinco já está a dar problemas — comenta, olhando para os filhos de um casal habitual a tentarem empoleirar-se no candeeiro acima da mesa.

— Como de costume. — Reviro os olhos. — Eu trato deles.

— Obrigada. Já agora, sabes arranjar uma máquina de garra? Nego com a cabeça.

— Mas posso tentar ver disso, ou arranjar um técnico se quiseres! Não te esqueças de que tens a entrevista com o meu amigo agora às três.

— Tens razão! Esqueci-me completamente. — Bate na testa com a palma da mão. — Estás a ver? Tens jeito com o shaker, és prestável e ainda por cima tens boa memória. Juro que, com essas qualidades todas, eu podia dominar o mundo!

Ri-se para si mesma.

— Vai lá então. Eu fico aqui à espera do teu amigo.

O Areia Fina é um dos bares de praia mais trendy num raio de cinco quilómetros. É possível ler «good vibes only» e outras frases constrangedoras em inglês nas paredes onde estão penduradas pranchas de surf. No interior, há mesas redondas distribuídas em várias plataformas de diferentes alturas, todas de madeira. Do teto, pendem candeeiros simples que, na verdade,

quase não usamos. A parede da frente do café é feita de placas de vidros de correr, que puxamos para dar acesso à esplanada e deixar entrar a luz do dia.

Pego num lápis e num bloco de post-its e vou até à outra ponta do bar. Aponto o número do apoio ao cliente da máquina de garra, onde os turistas deixam todas as moedas na esperança de apagar uma daquelas bugigangas que a Rita manda vir da Internet.

Com o número na mão, uso o telemóvel da sala de arrumos. Não demoram a atender e a despachar-me, dizendo que alguém virá durante o dia de amanhã. Aproveito para me sentar um pouco e reparo no diploma da Rita pendurado na parede. Apesar de ser uma sala de arrumos, este é também o seu escritório não oficial.

Ainda não me consegui decidir sobre o que fazer em relação à universidade. Verifico as minhas notificações e e-mail. O e-mail da faculdade continua por abrir, com o prazo de candidatura, que termina hoje à meia-noite, em destaque.

Carrego no link de inscrição, completando metade da candidatura e parando no campo «curso». Apago tudo, empurro o telemóvel para o fundo do bolso e apresso-me para o balcão.

Há qualquer coisa de terapêutico em ter como único propósito misturar bebidas enquanto o mar se enrola sobre si mesmo do lado de fora do bar, mas a Rita não vai precisar de mim depois do verão e ainda não sei o que fazer. Antes, era mais simples: a resposta era sempre o vólei.

Ao sair da sala, peço aos filhos do casal para se manterem sentados e, uns passos depois, encontro o Gui numa mesa com a Rita. Os seus braços, descobertos pela camisola de manga cava branca, são finos e os dedos, compridos, assim como as suas pernas e tronco. Veste uns calções de ganga e alguns acessórios prateados. Está a falar pelos cotovelos. Portanto, nada de anormal até agora.

— Salvador! Como assim não me disseste que o teu amigo era dos Sun After Midnight? — grita a Rita assim que me vê.

O Gui tem a cara rosada. Detesta que o relembram de que a banda de que fez parte quando tinha 13 anos já acabou. Isso e que as pessoas o tenham visto durante a adolescência na televisão. Felizmente para ele, mudou bastante e, hoje, está quase irreconhecível.

— Não estava a brincar quando te disse que ele era um prodígio! Não é todos os dias que podes contratar um guitarrista que esteve na Eurovisão Júnior — menciono, a rir-me.

— Mesmo! Finalmente vamos ter música ao vivo. E ainda por cima tem disponibilidade para começar de imediato. Já lhe disse que está mais do que contratado. Começa amanhã!

— Obrigado aos dois. Estou muito entusiasmado — diz o Gui, levantando-se.

— Vou resolver umas coisas. Vemo-nos amanhã, Guilherme! — exclama a Rita, sempre no seu ritmo acelerado. — Salvador, trataste da máquina?

— Vêm cá amanhã, não te preocupes! Nada te vai impedir de roubar turistas.

— Se eles colocam lá o dinheiro, tecnicamente não é roubar. Sabes como é.

Afasta-se com um pequeno sorriso e eu coloco o meu braço sobre os ombros do Gui.

— Eu sabia que ela te ia adorar. Passa a vida a pôr músicas dos Sun After Midnight na coluna, e sem ofensa, mas é claramente a única que as aprecia. Porque não atraí clientes.

— Tu sabes que eu era mesmo famoso, certo? Tinha umas batatas fritas com a minha cara! — diz, olhando-me de lado.

— Caso não estejas recordado, eu já era teu amigo muito antes de assinares milhares de *Match Points* naquela fatídica sessão de autógrafos.

— Estou recordado disso e de como me usaste nesse dia para te enrolares com um rapaz qualquer.

Olha-me com desdém e senta-se no banco que dá para o bar.

— Eu não me enrolei com ninguém. Tinha 14 anos! Só demos uns beijos!

— Se bem me lembro, dois anos mais tarde acabaste a fazer bem mais do que isso com ele.

— Só lhe chupei a pila uma vez!

— Ewww, não — diz, franzindo o rosto. — Tu para mim não és um ser sexual. Por favor, poupa-me, não quero mais detalhes.

— Começo a achar que só és meu amigo para não te chamarem homofóbico...

A dor do murro que me dá no braço atinge-me mais depressa do que a minha capacidade para me defender.

— Quero uma sandes de pasta de atum como compensação.

— Saio em 15 minutos. Espera por mim e faço-te a sandes?

O Gui limita-se a revirar os olhos, mas fica.



— Estou feliz por vires trabalhar para cá — confesso-lhe enquanto o vejo a mordiscar a sandes, com o sol a expor os reflexos azul-petróleo do seu cabelo.

Estamos sentados no passadiço de madeira, com os pés enterrados na areia, assumindo o risco de ficarmos com os sapatos todos sujos, mais tarde, quando os calçarmos.

— Eu também! Obrigado pela ajuda, o dinheiro vai-me dar mesmo jeito... Se continuar como nos últimos tempos, ainda preciso de ser adotado por uma sugar mommy com um triplex.

— Espero que consigas poupar algum com este...

Um bico laranja perfura a sandes do Gui e umas penas acinzentadas batem-nos na cara. Entre gritos, patadas e o risco de

contração de salmonela, a gaivota leva a melhor e voa para longe com a sandes.

O Gui fica a olhar para o céu como se a gaivota lhe pudesse devolver a sandes por remorso.

— Isto foi bem mais humilhante do que seria de prever.

— Sabes que ela vai contar às outras, não sabes? — digo.

— Claro que vai. Agora sou oficialmente o humano que perdeu para uma gaivota.

Rimo-nos e acabo por voltar ao bar para fazer outra sandes.

— Ainda aqui? — pergunta a Rita, encostada ao balcão. — Pensei que já tivessem desistido do almoço depois do ataque.

— Como é que já sabes disso?

— Se há algo que não falta neste bar são janelas — ri-se.

— Justo.

— Esqueci-me de te dizer, mas uns amigos meus vão organizar uma festa na praia, hoje.

— Festa na praia? — Levanto uma sobrancelha. — Isso significa música horrível e pessoas estranhas.

— Também significa bebida barata — responde ela.

— Humm... isso pode melhorar bastante as coisas.

— Se tu e o Guilherme quiserem vir, arranjo-vos bilhetes — sugere a Rita, sendo interrompida pelo telemóvel a tocar freneticamente. — Tenho de atender isto, mas envio-te tudo por WhatsApp.

Assinto com um sorriso e termino a sandes.

— Cuidado! — exclama o Gui, assim que me aproximo. — A Fernanda ainda ali está.

Sigo o olhar dele. A gaivota observa-nos do corrimão, com metade da sandes ainda no bico.

— Fernanda?

— Não achas que ela tem cara de Fernanda? O ar grisalho e a agressividade são muito Fernanda da parte dela.

— Acho que ela ganhou — digo.

— Pode ter ganhado a batalha, mas não a guerra — afirma ele, seguro.

Rio-me e abro com ele o link sobre a festa, que a Rita entretanto me enviou. Vemos todos os detalhes no Instagram e combinamos encontrar-nos em minha casa.



SALVADOR era a promessa do voleibol nacional,
mas uma queda deu cabo de tudo.

Agora, a trabalhar num tranquilo bar de praia e livre
pela primeira vez, tem o verão todo para decidir quem é.

Até que **VICENTE** reaparece. Irritantemente hot
e talentoso, o seu maior rival volta a cruzar-se
no seu caminho e vira tudo do avesso.



Penguin
Random House
Grupo Editorial

[seekthebutterfly.pt](#)
[@secretsocietypt](#)
[#seekthebutterfly](#)

ISBN: 978-989-589-159-7



9 789895 891597

